

a semana

de Constança Cunha e Sá

SEXTA-FEIRA

O que a presidência da Comunidade não conseguiu, o «Evangelho Segundo Jesus Cristo» proporcionou: a honra de estar na origem de uma polémica internacional que mete Dellors, Klepsch e outros exemplares europeus igualmente importantes. Hoje mesmo, o país foi agraciado com as declarações de Jack Lang - um ministro da cultura muito moderno que os franceses têm a sorte de ter - a propósito da exclusão de Saramago da lista dos candidatos a um prémio literário que o nosso responsável pela cultura - também muito moderno - acha que não tem qualquer espécie de «impacto».

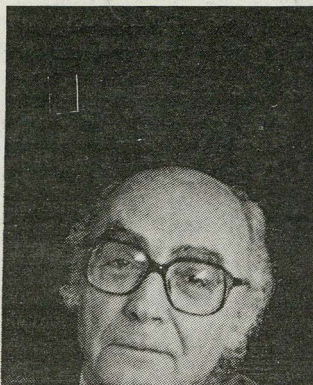
Apesar da falta de impacto do prémio, o país ganhou dimensão: falou-se dos perigos da censura, do fantasma da inquisição e da fogueira que esperaria o autor da obra, caso os tempos fossem mais propícios aos castigos da fé. Quem alguma vez nos catalogara pela moleza dos brandos costumes, não pode deixar de se surpreender, agora, com a grandeza das nossas paixões. Portugal passou a ter, entre outros atributos, um Khomeni de barba aparada e um Rushdie perseguido por entrevistas. Não é mau.

Para que tudo isto terminasse em beleza, seria vantajoso que queimássemos meia dúzia de «evangelhos» e exigíssemos um mínimo de dois excomungados. Como não parece haver voluntários para este tipo de tarefas, convém começar a disfarçar, não vá a Europa compreender que na base de todo este grande drama se encontra apenas a patetice de um subsecretário de Estado que resolveu incomodar a sua consciência católica com um livro que até aí não tinha conseguido ofender o espírito do mais devoto dos sacristãos. Espera-se, pelo menos, que nenhum europeu decida ler o «evangelho» de Saramago - lá se ia o Rushdie e o Khomeni. Ficava apenas um livro fracote e um secretário de Estado que só a balda dos tais brandos costumes faz com que não tenha saído a correr para um sítio qualquer depois de toda este disparate.

P.S. O nosso Khomeni, para cúmulo, parece ter dito uma série de mentirinhas nada coincidentes com os escrúpulos da sua consciência católica.

SÁBADO

O Expresso revela hoje o perfil de um secretário de Estado que dá pelo nome de António Taveira e parece ter a seu cargo os Recursos Naturais. Vale a pena registar o seu nome. Furando desesperadamente o anonimato,



to, o secretário de Estado considerase um homem cheio de recursos pessoais, parecido com John Kennedy e com amplas hipóteses no eleitorado feminino. Ao lado destas conside-

rações, a sua fotografia mostra um homem com ar de futebolista do Porto aposentado, de bigode farfalhado e poupa encaracolada, olhando o leitor nos olhos e apoiando o peso cerebral com a mão. A parecença com Kennedy não sobressai.

O percurso do extrovertido secretário de Estado também não oferece matéria particularmente brilhante. Aliás, «a grande confiança» que deposita no eleitorado feminino deve ser encarada à laia de «um supônhamos», já que não faz parte do seu pequenino curriculum a participação em qualquer acto eleitoral. Por junto, António Taveira foi chefe de gabinete de Valente de Oliveira, é muito amigo de Arlindo Cunha e sobressaiu ultimamente numas querelas com Luís Filipe Meneses. A sua ex-mulher ameaça, no entanto, que ele é como «El Rei D. Dinis que fez tudo quanto quizer». Não deve pois faltar muito para que esta fulgurante personalidade chegue à categoria de ministro.

CAVACO SILVA apareceu hoje no Jornal das Nove, inaugurando, orgulhoso, um campo de golfe rico que é suposto atrair a nata dos turistas e deitar por terra o provincianismo português. Enquanto o primeiro-ministro declarava, mais uma vez, o seu empenho na luta pela qualidade, a televisão mostrava os requintes do espaço, o verdinho da relva e as potencialidades do projecto. Tudo optimo, claro.

Só é pena que o dito campo de golfe pareça estar embilhado numa série de irregularidades que ferem de raiva a reduzida consciência ecológica nacional. O secretário de Estado dos Recursos Nacionais - o tal que se acha parecido com Kennedy - explicou logo que o campo não era ilegal como se poderia provar pela visita de um primeiro-ministro que não tem por hábito andar a inaugurar ilegalidades. Ninguém duvida. Espera-se apenas que as ribeiras

desviadas e a vegetação local destruída sejam informadas do facto.

TERÇA-FEIRA

Confrontado com o facto de Klepsch ter escrito uma carta a Dellors, pedindo-lhe explicações sobre a exclusão de Saramago, o secretário de Estado da Cultura respondeu impávido: «Já fui deputado ao Parlamento Europeu e por isso compreendo que tenha havido tempo para a escrever». Ele, obviamente, não tem tempo para responder.

Este tipo de sinceridade retardada, para além de ser totalmente inovadora, oferece vantagens inesperadas em matéria de argumentação. A partir de agora, se o Governo resolver dissertar sobre os altos projectos que lhe povoam o espírito, espera-se que a Oposição lhe interrompa o discurso e responda, fulminante: «Como já estive nesse lugar, sei muito bem que não anda por aí a fazer nada». Ao infeliz ministro, só restará calar-se.

Obviamente, este género de razões não se concilia com excessos de entusiasmo. Não fica bem, por exemplo, um deputado aparecer, durante anos, com olheiras de cansaço e tiradas de sacrifício, e uns tempos mais tarde gelar o seu sucessor com a informação de que aquele cargo proporciona uma total libertação do trabalho.

O efeito arrasador do argumento impede, acima de tudo, a publicação precipitada de balanços ou livros mais ou menos apoloéticos. Como aconteceu precisamente com Santana Lopes que, quando deu por finda a sua estadia europeia, escreveu um livro sobre os efeitos extraordinários que acumulara nele a «experiência comunitária». Assim, torna-se tudo muito extraordinário, de facto.

QUARTA-FEIRA

Carlos Borrego, o ministro do Ambiente, considera que o facto de estar sob «fogo cruzado» só demonstra que há «um papel de liderança» por parte da presidência portuguesa em relação à Eco - 92.

Acompanhando este raciocínio brilhante, compreende-se que Borrego considere muito «correcta» a desilusão de Carlos Pimenta e que não se incomode minimamente com a chuva de críticas que tem caído sobre «a falta de iniciativa» portuguesa. Para o ministro do Ambiente, não são mais do que animadoras provas de que o papel de liderança existe. Mesmo amarratado.

INFELIZMENTE, Ali Alatas decidiu não vir a Portugal. Como é óbvio, o ministro indonésio deve ter sabido que estavam já organizadas meia dúzia de manifestações, alguns «fac-

tos mediáticos» e a distribuição de várias brochuras informativas que iriam tornar a sua estadia muito complicada e mostrariam ao mundo a força gritante dos nossos princípios. Mal percebeu que a sua entrada em Lisboa se traduziria num êxito inesperado da diplomacia portuguesa, Alatas desviou cami-

nho e foi fazer campanha eleitoral para Timor. O que, como se calcula, também não deixa de ser uma grande vitória nacional.

Para além desta capacidade manifestativa, que teve efeitos muito visíveis quando Li Peng se passeou por cá, Ali Alatas estaria condenado, segundo Deus Pinheiro, a uma pena bastante mais forte: ao desespero do isolamento social.

O indonésio não seria convidado para nada. Enquanto os outros ministros se deliciariam com canapés, croquetes, jantares de luxo e conversas de ocasião, Ali Alatas ficaria sózinho no quarto de hotel, sujeito às desventuras do ostracismo e aos desequilíbrios gástricos de quem come sózinho. A medida devia ter efeitos demolidores.

Como se vê, estávamos dispostos a tudo. Menos, claro, a fazer a figura de um país birrento e irresponsável. O peso da presidência europeia obriga-nos às honras de anfitrião e à maturidade dos povos civilizados. E leva-nos à subtilidade. Para todos os efeitos, não era preciso impedir a vinda de Ali Alatas a Portugal. Os nossos princípios salvaguardavam-se, fazendo alguma berrata e tirando-lhe os canapés.

UM DIA de glória para o país. Arlindo Cunha, num verdadeiro exemplo do que é o cavaquismo, conseguiu fazer aprovar a PAC. Só é pena que os agricultores nacionais pareçam não partilhar desta alegria.

